

resolvida. Mas Nagel mostra que há uma saída para este impasse, visto que, perante uma proposta subjectivista, temos de continuar a pensar e, ao fazermos isto, derrotamos essa proposta: ao pensarmos nela usamos inevitavelmente os métodos racionais que estão a ser postos em causa por ela. Mas isto é inevitável, pois a única maneira de convencer as pessoas a terem em conta uma proposta é propor-lhes que pensem nela.

A proposta racionalista defendida por Nagel não é uma expressão de um qualquer dogmatismo idiota; pelo contrário, a mensagem principal é a de que temos de nos responsabilizar pelos nossos pensamentos e argumentar a favor das nossas ideias: «Uma vez chegados ao mundo para a nossa estadia temporária, não temos alternativa senão tentar decidir em que acreditar e como viver, e a única maneira de fazer isto é tentar decidir como as coisas são e o que está certo».

Sara Farmhouse Bizarro
Mestrado em Filosofia da Linguagem e da Consciência
Dep. de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Cidade Universitária, 1699 Lisboa Codex
slb220@is4.nyu.edu

The Oxford Dictionary of Philosophy, de Simon Blackburn. Oxford: Oxford University Press, 1994. 408 pp. £19.99 / £6.99 (trad. port. Gradiva, 1997)

The Cambridge Dictionary of Philosophy, org. por Robert Audi. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 882 pp. £55 / £17.95

A Dictionary of Philosophy, org. por Thomas Mautner. Oxford: Blackwell, 1996. 482 pp. £25 (reimpresso como *Penguin Dictionary of Philosophy*, 1997, 641 pp. £7.99)

A Dictionary of Philosophy, de A. C. Lacey. Londres: Routledge, 1996 (3.^a edição). 386 pp. £8.99

O dinamismo editorial e académico são indicadores, obviamente relacionados entre si, do valor e universalidade de uma cultura. Os três dicionários de filosofia que acabaram de ser editados (e o quarto que foi agora reeditado) constituem indícios seguros da vitalidade da cultura filosófica analítica. Destes quatro dicionários, os mais marcadamente analíticos são os de Lacey e Blackburn, apesar de todos emanarem claramente de uma cultura

filosófica muito diferente da continental. O dicionário de Lacey não cobre quase nenhuns «conceitos» típicos da filosofia continental e o de Blackburn apresenta quase sempre uma perspectiva crítica e argumentativa, apesar de cobrir toda a filosofia (incluindo, além da continental, as filosofias clássicas indianas, chinesas e árabes). Uma das virtudes do dicionário de Blackburn consiste precisamente em tornar apetecível a filosofia continental; um leitor com formação continental, como no meu caso (e no caso de quase toda a gente em Portugal), descobre com surpresa que desconhece quase tudo o que existe de interessante na filosofia continental (Sartre, Heidegger, Hegel, Husserl, Nietzsche, Derrida, etc.), assim como na filosofia clássica. A virtude do dicionário de Blackburn deve-se ao facto de o autor não se limitar a *parafrasear* os filósofos continentais, optando antes por *formular criticamente* as suas «teorias», indicando possíveis argumentos, favoráveis e desfavoráveis. As ideias de Heidegger ou Sartre não surgem assim como artigos de museu historicamente enquadrados que basta expor ao público; ao invés, surgem-nos como parte viva da cultura filosófica de todos nós, que por isso nos interpela e que por isso também não pode furtar-se ao exame crítico — atitude essa que começa com uma simples pergunta: «Será isto verdade?»

A enorme abrangência dos dicionários de Blackburn, Audi e Mautner é sintomática de uma atitude universalista que constitui a mais eloquente refutação da ideia de que a filosofia analítica é redutora (como se a procura da verdade fosse redutora). Talvez o leitor antipático à filosofia analítica se sinta um tanto ou quanto impaciente pelo facto de as ideias de Derrida ou Nietzsche serem criticamente avaliadas, relativizando assim o poder sugestivo que aparentemente constitui o único objectivo deste tipo de filosofia. Mas este não me parece ainda um bom argumento contra a filosofia analítica, da mesma forma que o poder sugestivo da alquimia ou da astrologia não dão a estas práticas maior dignidade académica, cultural, artística ou científica do que a química ou a astronomia, apesar de o poder sugestivo das primeiras continuar ainda hoje a encantar muitos espíritos menos sofisticados e exigentes.

Se não contarmos com a sua origem analítica comum, estes quatro dicionários são bastante diferentes entre si. De todos, o de Lacey é o mais antigo (a sua 1.^a edição data de 1976) e, juntamente com a edição *paperback* do dicionário de Blackburn, apresenta-se num pequeno formato, facilmente transportável. Estes dois dicionários são também os únicos inteiramente redigidos por uma única pessoa. O dicionário de Mautner foi em grande parte redigido por ele próprio, sendo as restantes entradas da autoria de 79 outros filósofos, dos quais se destacam Alan MacIntyre, Chandran Kukathas, Isaiah Berlin, John Cottingham, John Haldane, John Passmore, John

Searle, Peter Singer, Roderick Chisholm, Richard Hare, Richard Rorty e Willard Quine. Alguns destes filósofos (como Quine, Singer e Searle) foram convidados a escrever auto-retratos filosóficos, uma característica única em todos estes dicionários.

O dicionário de Audi (que não escreveu nenhuma entrada) tem aproximadamente o dobro do tamanho de qualquer dos outros, foi escrito por 381 filósofos e contou com a consultoria editorial de 28 filósofos, entre os quais se contam D. M. Armstrong, Hector-Neri Castañeda, Roderick M. Chisholm, Patricia Smith Churchland, Arthur C. Danto, Fred Dretske, Dagfinn Føllesdal, David Kaplan, J. R. Lucas, Richard Rorty, John Searle e Bas van Fraassen. Entre os autores das entradas contam-se nomes tão ilustres como Jon Barwise, Daniel Dennett, John Etchmendi, Solomon Feferman, Graeme Forbes, Paul Horwich, Jaegwon Kim, Ernest LePore, William Lycan, A. P. Martinich, Mourelatos, David Fate Norton, Mark Sainsbury, Lawrence Sklar, Ernest Sosa, Paul Teller e Douglas Walton. A característica mais infeliz deste dicionário é a completa ausência de entradas sobre filósofos vivos. Esta opção é justificada pelo organizador, ao afirmar que, dado muitos dos filósofos actuais estarem ainda filosoficamente activos, qualquer descrição do seu pensamento seria sempre inadequada, e que só a distância histórica permite uma avaliação correcta da obra de um filósofo. Não é claro se estamos perante duas justificações ou uma única. Mas mesmo que sejam duas razões independentes, não justificam de forma alguma tão bizarra opção.

A segunda razão não justifica a opção, uma vez que a distância histórica que nos separa de alguns filósofos recentemente falecidos, como Popper, é a mesma que nos separa de um filósofo como Quine: ninguém acredita que a morte de Popper em 1994 nos possibilitou subitamente um distanciamento histórico diferente daquele que é possível ter em relação a Quine. Quanto à primeira razão invocada por Audi, é difícil de acreditar que não podemos avaliar a obra de filósofos como Goodman, Davidson, Lewis, Singer ou Thomas Nagel só porque, sobretudo os últimos, são ainda filósofos activos. Teremos de esperar que morram para podermos apresentar e discutir as suas teorias? A opção de Audi não pode justificar-se convenientemente e priva o leitor de um conjunto de entradas importantes. Para atenuar os maus efeitos desta opção, Audi incluiu um índice onomástico que remete o leitor para algumas das várias entradas em que se discutem as teorias dos filósofos contemporâneos que não surgem como entradas independentes.

Apesar deste problema, o dicionário de Audi é o mais completo: o seu volume permite-lhe ter entradas mais aprofundadas do que os outros dicionários, algumas delas bastante boas, como *analytic-synthetic distinction*,

a priori, *artificial intelligence*, *causation*, *property*, *logical notation* e *meaning*, entre muitas outras, para além daquelas que, por serem escritas por autoridades mundiais, constituem excelentes exemplos da vitalidade e alta qualidade da filosofia analítica contemporânea (como é o caso das entradas *truth*, de Paul Horwich, *informal fallacy*, de Douglas Walton, *paternalism*, de Gerald Dworkin, *modal logic*, de Graeme Forbes, *essentialism*, de Michael J. Loux, *philosophy of language*, de William G. Lycan, *philosophy of science*, de Lawrence Sklar e *scepticism*, de Ernest Sosa). As 864 páginas do dicionário de Audi permitem-lhe ainda oferecer pequenas entradas altamente informativas que são omissas nos outros dicionários, como, entre outras, *non-monotonic logic*, *inferential knowledge* e *corners*, as famosas paraspas (\ulcorner) introduzidas por Quine, hoje generalizadas.

Uma das vantagens dos dicionários de Lacey e, sobretudo, de Blackburn, são as referências cruzadas, cuja ausência é por vezes gritante nos outros dicionários. Por exemplo, a entrada *relevance logic*, do dicionário de Audi, não remete para *non-monotonic logic*, nem vice-versa; no entanto, o confronto de ambas é altamente informativo para o leitor. As poucas remissões dos dicionários de Audi e Mautner constituem, aliás, uma das suas maiores falhas.

O dicionário de Mautner foi claramente concebido com o público escolar de língua inglesa firmemente em vista, sobretudo o mais jovem: os termos de pronúncia menos conhecida, como os termos de origem grega e latina, assim como nomes de filósofos clássicos ou «estrangeiros» (entenda-se, de língua não inglesa), são acompanhados de indicações fonéticas; o alfabeto grego, com os seus nomes e transliterações, precede o corpo do dicionário; em apêndice, são-nos oferecidas 21 úteis páginas de bibliografia disponível em língua inglesa — contendo todos os clássicos, assim como a literatura corrente e as grandes obras de referência; finalmente, as entradas foram em geral redigidas de forma acessível e clara, procurando sobretudo introduzir o leitor que pouco ou nada sabe de filosofia.

A atenção ao didactismo está também presente no dicionário de Lacey, apesar de, neste caso, se ter em vista um público universitário claramente mais sofisticado. A grande vantagem deste dicionário — constituindo, aliás, característica única entre todos os seus concorrentes — são as generosas referências bibliográficas oferecidas no final de cada entrada. Os comentários que acompanham estas referências fazem delas autênticos guias que orientam o leitor através da volumosa literatura filosófica contemporânea. O seu aspecto menos feliz são as entradas sobre filósofos, que pelo seu carácter esquemático são parcamente informativas. Numa entrada de dicionário sobre Aristóteles ou Carnap espera-se uma descrição, ainda que sumária, das te-

orias propostas, dos problemas enfrentados e dos argumentos defendidos — mas isso está praticamente ausente do dicionário de Lacey. O mesmo não acontece com o dicionário de Blackburn, que nos oferece não apenas isso, mas também uma avaliação crítica — o que constitui, aliás, um dos pontos fortes do seu dicionário.

Efectivamente, o dicionário de Blackburn oferece-nos não apenas uma descrição das teorias, argumentos e problemas da filosofia, clássicos e contemporâneos, mas também uma perspectiva crítica, materializada em dois aspectos. Por um lado, Blackburn indica ao leitor os aspectos correntemente em disputa, informando-nos assim sobre o estado actual da situação; por outro lado, não se coíbe de avaliar criticamente teorias, problemas e argumentos. Desta forma, a filosofia surge como uma actividade viva e aberta, contrariando por isso duas ideias erradas: a de que a filosofia é apenas um corpo inerte de escritos do qual só resta fazer a sua história, e a de que ela se pode constituir como um corpo de conhecimentos tão fixo como a física ou a filologia, o qual seria transmissível sem que os seus destinatários percebessem tratar-se sobretudo de um conjunto de problemas em aberto, teorias discutíveis e argumentos contestáveis. Se juntarmos a isto o facto de algumas entradas (como *apathy*, *cientism*, *impossible*, *licentious*, *solipsism* e *teism*, por exemplo) terem sido escritas com aquele humor superiormente culto que só floresce numa cultura de perfil universalista, obtemos um dicionário que não nos limitamos a consultar: torna-se uma leitura aliciante, interessante também para o leigo e não apenas para o estudioso. Este aspecto é aprofundado pela abundância de remissões, como já foi assinalado, que conduzem o leitor de entrada em entrada, e pela inclusão de muitos termos de áreas adjacentes à filosofia (teologia, linguística, física, matemática, sociologia, arte, etc.), tornando assim evidente ao leitor não especializado que talvez existam aspectos filosoficamente relevantes na sua actividade.

Todos estes dicionários são de elevada qualidade e a consulta de qualquer deles resulta sempre na recolha de informação fidedigna e clara. Uma vez que estes dicionários são parcialmente complementares, o melhor é poder consultá-los todos sempre que necessário: Mautner introduz os temas que Audi desenvolve, Blackburn dá-nos uma perspectiva crítica e Lacey orienta-nos pela literatura. Num país razoavelmente culto, todos estes dicionários estariam presentes nas prateleiras das bibliotecas escolares, mas eu não aconselharia o leitor a precipitar-se para a biblioteca da sua escola: provavelmente não encontra nenhum deles.

Desidério Murcho (disputatio@mail.telepac.pt)
Sociedade Portuguesa de Filosofia
Av. da República, 37, 4.º, 1050 Lisboa